

MAN  
DRA  
GORA

*RESENHAS*

## Homem contemporâneo em crise? A nódoa moderna do “eterno” processo de “masculinização” do homem pelas instituições sociais

*Fernanda Lemos\**

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: UFMG / IUPERJ, 2004. 347 p.

Toda definição é perigosa, pois delimita determinada observação a conceitos fechados e fixos. Entretanto, na maioria das vezes, ela é necessária para visualização do objeto pesquisado, principalmente de conceitos que poucas vezes foram explicitados, como é o caso das masculinidades. É um desafio que, em *A construção social da masculinidade*, Pedro Oliveira aceita desde o início, entendendo a masculinidade como parte do *socius* que se constitui em realidade para os sujeitos. Trata-se, para ele, de uma parte complexa no processo cultural, baseada em comportamentos socialmente estabelecidos. O fato é que o autor delimita sua obra “a partir de uma sociogênese moderna”, ponderando que sua análise histórica completa seria uma tarefa impossível, se considerarmos que ela está condicionada a cultura, tempo e local de sua constituição.

A obra está dividida em cinco capítulos que buscam angariar elementos para a compreensão da construção social da masculinidade no período moderno.

No primeiro capítulo, Oliveira busca compreender como o ideal moderno de masculinidade fora construído a partir de “complexas elaborações culturais”, provenientes das transformações ocorridas com o surgimento da sociedade contem-

porânea e com o processo de militarização dos homens na modelagem do masculino. Segundo o autor, a formação do Estado Moderno necessitou de agentes e instituições que produzissem “machos”. Além do mais, a burguesia aliada aos valores religiosos puritanos defendia a saída do mundo por meio do trabalho secular, associado ao autocontrole e à negação dos “prazeres da carne”.

No segundo capítulo, o autor observa que após a Segunda Guerra Mundial houve mudanças significativas na forma como a masculinidade estava construída, uma vez que a modernidade influenciou a identidade dos sujeitos, quando ela se tornou flexível, transitória e não-rígida. Oliveira percebeu que há uma falta de sentido entre o ideal hegemônico burguês da masculinidade e a desestabilização dos valores “considerados” masculinos, ou seja, a crise de instituições como família, trabalho e outras trouxe uma nova configuração da masculinidade. Daí a pergunta central estabelecida pelo autor ser “quem é esse homem moderno em crise?”

O capítulo três trata das discussões teóricas mais recentes sobre a masculinidade. Pelo fato de a masculinidade nunca ter sido questionada enquanto construção social antes da modernidade, Oliveira destaca sua pouca teorização, uma vez que sempre fora considerada verdade absoluta, logo, indiscutível e praticamente “sagrada”. Por isso, para análise do processo de teorização da temática, faz-se necessário considerar o débito que a temática da masculinidade tem para com o movimento de mulheres e o movimento *gay*, que questionaram veementemente a universalização do “ser homem” nos anos 1970 – período em que se observa um discurso vitimizatório a respeito do homem e sua crise identitária –, quando os valores materiais e simbólicos do “universo masculino” tornam-se passíveis de desconstrução. Entretanto, o autor nos chama atenção para o fato de que, mesmo “em crise”, “vitimado” pelo período contemporâneo, o homem ainda é beneficiado pelo seu gênero no atual sistema simbólico social.

No quarto capítulo, Oliveira defende a tese de que mesmo as crises provocadas pela destruturação das instituições que sustentavam a masculinidade hegemônica, as diferenças de sexo ainda

\* Mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo. Membro, desde 2001, do Grupo de Pesquisa de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal desse mesmo programa.

existem nas relações sociais. Na verdade, a contemporaneidade não conseguiu extinguir os "machismos"; apenas reatualizou suas antigas nódoas no exercício da dominação simbólica. O que houve foi um deslocamento do "centro de força" do poder, mas continuou a necessidade de reatualização para a plena continuidade de seu exercício.

No quinto e último capítulo Oliveira compreende a masculinidade enquanto elemento simbólico que se inscreve no corpo e no comportamento dos sujeitos. Na verdade, o que o autor discute é que "as vivências interacionais masculinas reproduzem o capital simbólico", perpetuando assim a diferença de gênero observada socialmente.

*A construção social da masculinidade* é certamente uma obra fundamental para os estudos de gênero e masculinidade. Uma de suas principais preocupações está em abordar a diversidade dos aspectos que auxiliaram na construção social da masculinidade (subjetividade, sociedade, religião etc) e a contribuição dos movimentos sociais (*gay* e de mulheres) no questionamento do ideal social masculino.

Mais que fornecer respostas acerca de como se configura o fenômeno da masculinidade, o autor nos instiga, nesse universo temático pouco explorado, a buscarmos novos caminhos para sua pesquisa e/ou aprofundarmos os caminhos já apontados em sua obra. Seu livro não se constitui numa obra explicativa e definitiva sobre a construção social da masculinidade, mesmo porque, nesse caso, ele se caracterizaria como manual. Mas o autor levanta algumas problemáticas desafiadoras, para futuras e necessárias pesquisas sobre a temática no campo das relações de gênero.